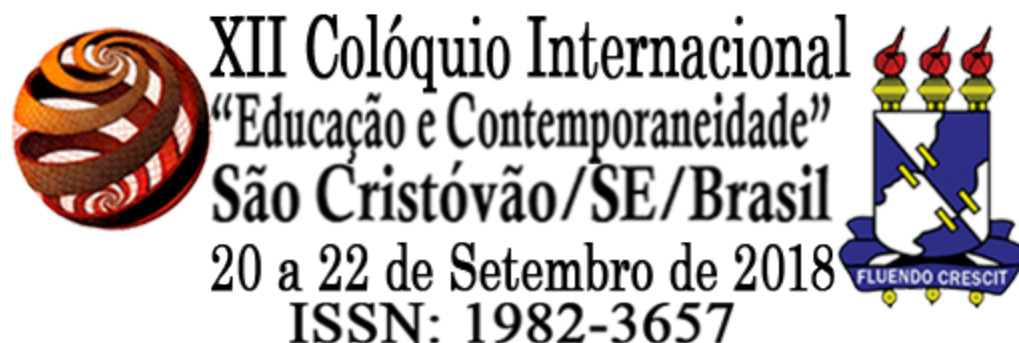




Recebido em:
04/08/2017
Aprovado em:
05/08/2017
Editor Respo.: Veleida
Anahi
Bernard Charlort
Método de Avaliação:
Double Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi:

VIVÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: OBSERVANDO O COTIDIANO E SOMANDO NOVAS EXPERIÊNCIAS

PAULA GIOVANA DE MATOS
REGINA CAVALCANTE TAVARES

EIXO: 7. EDUCAÇÃO, TRABALHO E JUVENTUDE

RESUMO

Este artigo é resultado de uma vivência realizada na disciplina de Teorias e Práticas da Educação de Jovens e Adultos II, durante o primeiro semestre do ano de 2017 no curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Alagoas – Campus II. A vivência aconteceu em uma instituição municipal de Educação Básica no Povoado Areia Branca município da cidade de Santana do Ipanema/AL. Desenvolvemos essa atividade em uma turma com 21 alunos devidamente matriculados. A nossa ação foi referenciada, com base em: Alves e Garcia (2000), Andrade (2009), Freire (1991), Maia e Dayrell (2011), Pinto (2007), Santos (2006), LDB 9394/96 e retomamos um pouco da Constituição Federal de 1934. A experiência foi desafiadora e nos proporcionou conhecer as dificuldades e anseios dos sujeitos que frequentam esta modalidade.

Palavras-chaves: Educação. Jovens. Adultos.

ABSTRACT

This article is the result of an experience held in the discipline of Theories and Practices of Youth and Adult Education II, during the first semester of 2017 in the course of Pedagogy of the State University of Alagoas - Campus II. The experience happened in a municipal institution of Basic Education in the Village of Areia Branca, municipality of Santana do Ipanema / AL. We developed this activity in a room with 21 properly enrolled students. Our intervention was referenced, based on: Alves and Garcia (2000), Andrade (2009), Freire (1991), Maia and Dayrell (2011), Pinto (2007), Santos (2006), LDB 9394/96 and we resumed some of the Federal Constitution of 1934. The experience for challenging and allowed us to know how difficulties and longings of the subjects who attend this modality. **Key words:** Education. Young. Adults.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado de uma vivência na Educação de Jovens e Adultos com caráter avaliativo na disciplina de Teorias e Práticas da Educação de Jovens e Adultos II, ofertada aos alunos do 7º período do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Alagoas, campus II. A referida experiência se deu na Escola Municipal de Educação Básica Maria do Carmo de Oliveira Araújo, com uma turma do 1º Segmento, turma multiano, com alunos das três etapas que compõem esse segmento. O objetivo principal dessa proposta foi de observar no cotidiano desta modalidade as teorias discutidas em sala de aula, para que os graduandos pudessem de maneira prática fazer uma

ligação da teoria com a prática e assim tirar suas próprias conclusões no que diz respeito às análises a serem realizadas.

O desenvolvimento desta vivência se deu em caráter primeiramente de observação, realizadas durante um dia por semana, em duas semanas seguidas. Durante este período além de anotações dos aspectos mais importantes, também foram aplicados alguns questionários aos alunos e assim como à docente da referida turma, para que servisse de base diante da escrita deste artigo. Além de observações também pudemos realizar atividades práticas, como dar aula uma vez por semana em quatro semanas seguidas, dessa forma foram nesses dias em que pudemos elencar algumas contribuições relevantes, todas essas questões estarão presentes ao longo deste artigo que nada mais é do que o resultado dessa significativa experiência. Desse modo, o texto está estruturado em um breve histórico no qual fizemos uma linha do tempo baseado nos principais acontecimentos referentes a Educação de Jovens e Adultos, posteriormente falamos sobre o sujeito da EJA e em seguida relatamos a nossa vivência mais detalhadamente, e concluímos com considerações a cerca da nossa experiência com Jovens e Adultos.

2. UM BREVE HISTÓRICO

Para iniciarmos uma análise histórica da Educação de Jovens e Adultos, faz-se necessário que voltemos o nosso olhar para a condição sócio-política do Brasil desde os tempos de colonização, pois já nesse período, essa modalidade de forma muito peculiar já era desenvolvida. Faremos um breve relato para trazermos a memória fragmentos desse processo histórico, percebendo assim toda esta democratização da Educação de Jovens e Adultos.

Com a chegada dos jesuítas nestas terras, se deu a alfabetização de pessoas adultas, como bem sabemos historicamente falando, os índios que aqui se encontravam passaram por um processo de catequização e posteriormente os padres que eram responsáveis por essa tarefa, também passaram a de algum modo instaurar as culturas que traziam consigo, dentro desse processo de catequização que se dava também um método de educar tais índios.

No período imperial, com a chegada da família real ao Brasil, a preocupação pela criação de cursos superiores que atendessem aos anseios da monarquia era tamanha, que pouco se fez pela educação de adultos, esta que foi sendo constituída a partir dos interesses das classes dominantes.

Mas esta educação mesmo já existindo, só veio a ter espaço partir da cada década de 30. A partir deste período houve alguns acontecimentos marcantes que foram decisivos para tal modalidade, como o acontecimento social que marcou o país, a queda dos latifundiários cafeicultores, dando lugar ao crescimento da burguesia industrial brasileira. Ainda nesta década, foi criada a constituição de 1934 que previa no art. 150 um ensino primário integral e gratuito aos adultos.

O ensino para adultos foi sendo intensificado também na década de 1940, marcada pelos movimentos sociais. Podemos citar nesta década algumas criações em favor do crescimento do ensino para adultos em meio ao alto índice de analfabetismo. Em 1942, criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), em 1945 teve intensificação do capitalismo industrial no Brasil, neste período centra-se no preparo de mão de obra, ainda em 1945 teve o Decreto nº 19.513 que criou o Fundo Nacional de Ensino Primário. Em 1946 a Criação do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) e em 1947 a criação da Campanha Nacional de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA).

As campanhas de Educação marcaram fortemente a década de 1950 até o início dos anos 60. Em 1952 e 1958 surgiram 3 campanhas, as duas primeiras foram a Campanha de Educação Rural e a Campanha Nacional de Educação Rural (CNER), e a terceira a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo. Aconteceram dois congressos de educação de adultos, o 1º Congresso de Educação de Adultos (1952), lançou o slogan “ser brasileiro é ser alfabetizado” e 2º Congresso Nacional de Adultos (1958).

O início da década 1960 é marcado pelas iniciativas de participação popular, neste mesmo período houve a criação do Movimento de Cultura Popular (MCP), e é quando as iniciativas freireanas ganhavam expressão na Alfabetização de Adultos. 1961 têm o surgimento do Movimento de Educação de Base (MEB) e o início da “Campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler”. Com a extinção da CEAA (Campanha Nacional de Educação de Adolescentes e Adultos)

e CNER (Campanha Nacional de Educação Rural). Enfim, um dos maiores incentivos perdura até os dias atuais, que foi a Educação de Adultos por Paulo Freire, em 1964 foi utilizado o referencial desta alfabetização no Programa Nacional de Alfabetização (PNA), instituído pelo Governo Federal. Não perdurou por muito tempo, já que com o golpe militar nesta mesma época, o programa foi extinto. Tendo uma substituição do PNA pela Cruzada da Ação Básica Cristã (Cruzada ABC) sendo logo extinta em 1971, como também teve a implementação de um dos mais importantes e mais conhecidos movimento brasileiro de alfabetização de EDA, o Movimento Brasileiro de alfabetização (MOBRAL), teve também o crescimento do Ensino Supletivo.

Partindo para a década de 1970 inicia-se com a inclusão do Movimento de Educação de Base (MEB) no PNA. A Lei nº 5692/71 trás regulamentação da EJA. Em 1972 tem a política para o ensino supletivo. O ano de 1981 é marcado pelo fim da ditadura militar e quando o MOBRAL foi extinto sendo transformado em Fundação Educar. Tendo a Constituição de 1988 que coloca a educação como um direito de todos no art. 205. Mas há uma desvalorização dessa modalidade na LDB, lei 9.394/96, pois uma emenda à constituição de 1988 que suprimiu a obrigatoriedade do ensino fundamental aos jovens e adultos, mantendo apenas a oferta gratuita.

Fizemos esse pequeno trajeto histórico da Educação de Jovens e Adultos, para que possamos lembrar esses aspectos e assim entendermos melhor o que será exposto ao longo deste artigo.

3. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO CONTEXTO OBSERVADO

Os Jovens ou Adultos que por diversos fatores se afastaram das instituições escolares, em sua maioria não tiveram e continuam não tendo o apoio e o incentivo necessário para retomar os estudos. A valorização dessa modalidade de ensino sempre foi escassa, mesmo a LDB em seu art. 37 assegurando a gratuidade do ensino, não garante a oferta desta educação em condições que mantenha os alunos durante todo o ano letivo, como também não dá condições favoráveis de trabalho para o profissional atuante neste espaço.

Na sala de aula em que pudemos vivenciar de perto a realidade daquela localidade não acontece diferente como em outros espaços que oferta a modalidade EJA, passa pelas dificuldades por falta de políticas públicas direcionadas a este ensino. Políticas estas que precisam ser desenvolvidas a partir do que é vivenciado em cada realidade, assim como nos diz Alves e Garcia:

Em toda a nossa coleção O sentido da Escola defendemos ser no cotidiano escolar que efetivamente se faz uma política educativa. Não é nos gabinetes do MEC ou das secretarias de educação, por mais que esta constatação incomode a quem pensa estar em suas mãos o destino da educação no país. Estes acreditam poder ensinar à escola como “deveria ser uma boa escola” em seus projetos elaborados a partir do último grito teórico produzido especialmente fora do Brasil. (Alves e Garcia, 2000, p. 10)

A nossa missão de estudantes não é de denunciar a prática docente, mas tentar compreender toda aquela realidade, pois futuramente seremos nós que estaremos ali, mas cabe esclarecer, que um dos fatores que inviabilizada a frequência dos alunos é por a professora não poder ir todos os dias da semana, ao longo do texto perceberemos que há empecilhos que interferem diretamente no fazer pedagógico.

Um questionário feito com a professora regente nesta sala de EJA nos apresenta de forma sucinta os obstáculos enfrentados diariamente juntamente com os alunos, que apesar de frequentarem pouco, sentem o impacto do descaso público com essa educação.

A docente diz as dificuldades são muitas *“falta de merendeira específica para o horário, um coordenador e a segurança dos jovens, desses quais trazem drogas para a escola e principalmente violência.”* Na vivência com os alunos pudemos perceber de perto a falta de segurança que há nessa instituição, os próprios alunos deixam de frequentar a escola por medo, pois são apenas eles em uma área escura e silenciosa, sendo que este é um grupo pequeno. Um fato marcante em que a professora descreveu, aconteceu dentro da sala de aula este um dos motivos que contribui na decisão em não querer estar ali. *“Brigas entre eles, discussões e até mesmo uma ameaça o outro,”* nesse caso são jovens. Dessa forma, as interações existentes na sala de aula, causam de certo modo um medo, são pessoas diferentes, contextos diferentes e comportamentos que por muitas vezes não estão de acordo com as normas

e conceitos pré-estabelecidos pela instituição, nesse sentido, Maia e Dayrell (2011) nos mostra que:

[...] a experiência humana é mediada pela interpretação, entendendo que pessoas, situações ou acontecimentos não são dotados de significado próprio ao serem observados. Os significados são construídos nas e por meio das interações. As pessoas, no caso os estudantes da escola, ao interagirem regularmente no espaço da sala de aula, partilham experiências, problemas e normas comuns, tendendo, assim, a partilharem “perspectivas” e “definições comuns”. (p. 122)

No caso específico, vivenciamos uma realidade dotada de dificuldades, assim como esta que foi descrita a cima, o que mais contribui para a não frequência na escola é que não existe um incentivo positivo que garanta a segurança destas pessoas neste espaço educacional, bem como não há outro espaço que possa ser transferido a EJA. Apesar de termos notado este descaso, ainda assim, percebemos que a instituição tem o interesse de ofertar um bom ensino, mas que não há nada que possa funcionar corretamente no turno noturno, apenas é disponibilizado o espaço e materiais didáticos que atendem o ensino para Jovens e Adultos, a Secretaria de Educação não dá esse suporte necessário para que incentive aos funcionários a comparecerem a noite, já que estes não recebem nenhuma gratificação para trabalharem neste turno, muitas vezes a professora reforçava a perspectiva de que torna-se inviável ensinar aos Jovens e Adultos na situação em que a EJA é ofertada. Cabe citar uma fala importante de HADDAD (1998, p.116) apud SANTOS (2006) onde afirma que “não basta oferecer escola; é necessário criar as condições de frequência, utilizando uma política de discriminação positiva. (p.37)”.

É desmotivador para estes sujeitos que retornam já com um certo desânimo, e auto se julgando por estarem atrasados, este espaço no fundo deixa transparecer isto para os mesmos, já que os investimentos voltam-se diretamente e quase que exclusivamente para o ensino de pessoas que estão sendo escolarizadas “no tempo certo”.

Não tiramos a responsabilidade que o professor tem ao ensinar em uma sala de EJA, pelos fracassos e ganhos e por ser o grande motivador por estar em contato direto com os alunos, em sua prática, a auto-avaliação e remodelação da sua maneira de ensinar, é preciso que aconteça constantemente, no entanto, a escassez de políticas públicas voltadas para esta modalidade adota um suporte frágil que é facilmente desfeito e esquecido, dando espaço para a descontinuidade das ações que é tão presente no Brasil. Concordamos com o escrito de ALVES e GARCIA (2000) quando falam que “O Caminho que nos diziam levar à terra prometida onde todos teriam direito à felicidade, se revelou o caminho da injustiça, da fome, da doença, da guerra e da morte. (p.19)” No mais, isso é o que constantemente acontece quando é colocado no contexto educacional, especificamente na modalidade EJA, é construído todo um discurso onde garantido a oportunidade de todos retornarem a estudar além de se basear nos direitos que todos os sujeitos têm de estudar, mas na prática isto não acontece efetivamente.

3.1 “QUEM NÃO QUER APRENDER ATRAPALHA QUEM QUER...” QUEM É O SUJEITO DA EJA

A frase que contém neste subtema, ouvimos ao final de mais um dia de vivência de uma aluna, ela falou isso após observar que alguns dos seus colegas de turma estavam pouco interessados nas atividades que lhe fora aplicadas e ficavam conversando e saindo da sala a todo instante, sendo essa prática recorrente a mesma nos falou isso, e ainda mais, acrescentou que seus colegas de turma “*não queriam nada com a vida.*” Esse tipo de discurso foi comum durante toda a nossa vivência, na sala estavam presentes sujeitos trabalhadores do campo, donas de casa, autônomos, pessoas que vinham de muito próximo da instituição assim como também pessoas que precisavam do transporte escolar para chegar até lá. Tinham também sujeitos que tiveram que deixar de estudar por motivos de trabalho, outras por motivos de gravidez, e outros também por falta até mesmo de interesse, como eles mesmos nos falavam. Dessa forma, com essa variedade de perspectivas, opiniões e comportamentos distintos também eram formados naquela sala de aula. No segundo dia de nossa vivência, mais alunos compareceram comparado ao primeiro, nove alunos, mesclados, pois cada um estava em uma etapa do primeiro segmento, alguns já sabiam ler e interpretar, outros não conheciam as letras, outros conheciam as letras, mas tinham dificuldades para utilizá-las e assim sucessivamente.

Andrade (2009), falando sobre essas características dos jovens da Educação de Jovens e Adultos, nos traz a ideia de que: “Eles têm em comum o fato de carregarem a marca da pobreza e de, exatamente por esse motivo, não terem a

possibilidade de realizar uma trajetória educativa tradicionalmente considerada como satisfatória.” (ANDRADE, 2009, p. 40) Ou seja, há um grande empecilho no desenvolvimento desses jovens, que perpassa os dias, sendo a maioria dos alunos da sala na qual realizamos nossa vivência, pudemos presenciar esses aspectos e ver que há todo um contexto social de “fracasso” que promove muitas vezes o “insucesso” desses sujeitos no âmbito educacional.

Durante a vivência, ouvíamos diversos relatos dos alunos, sobre suas lutas para conseguir estar ali, levamos textos para a sala de aula que nos faziam refletir o quanto é importante continuarmos persistindo mesmo em meio as dificuldades encontradas. Nestes diálogos, um dos alunos nos contou sobre o quanto se sentia bem por ter a oportunidade estudar, pois o mesmo quer aprender a ler e a escrever para poder também ensinar aos seus dois filhos quando estiverem maiores, e já tem uma filha que quando chega em casa gosta de ajudá-lo a responder as atividades que lhes foram passadas na sala de aula. Um dia foi lhes roubado o momento de estudar e para ir em busca desse tempo perdido, fazem muitos sacrifícios, e é muito doloroso, porque estudar não é uma tarefa fácil, alguns se lamentam por não conseguirem entender o que o professor pede para fazer, além de terem que renunciar o descanso da noite para ter que fazer mais esforço, neste caso, mental. É compreensível todas estas situações e entendemos assim como Zago op. cit. (2000) apud Sstos (2006), explana que “para permanecer na escola são feitos grandes sacrifícios, pois ser estudante não é um ofício que possa ser exercido sem ônus. (p.16) ” Em meio aos relatos escutamos atentamente as histórias, pois muitos que estavam ali, não tinham com quem compartilhar os seus anseios.

É preciso reconhecer as situações de fracasso escolar que estes sujeitos carregam diante a sociedade, sentimos na fala de uma aluna que a mesma se sentia com vergonha por não saber ler, e ainda, por não conseguir compreender o que a professora falava, mesmo com todo o esforço, percebemos isso em seu silêncio. A baixa auto-estima dos alunos de EJA é uma característica frequente (SECAD, 2006, p.16), estes já estão cansados de serem taxados e desestimulados por não estarem na “idade certa”, além dos diversos avisos como: “eu avisei que você não iria conseguir!”, que é inculcado em suas mentes a impossibilidade de se alcançar o que quer, por causa de um fracasso que tenham tido.

3.2 OS ENTRAVES NO CAMINHO DE UMA METODOLOGIA QUE DÊ SIGNIFICADO A APRENDIZAGEM.

Como sabemos a metodologia a ser utilizada com a Educação de Jovens e Adultos muito difere da que é desenvolvida com os alunos que cursam os anos nas idades ditas como apropriadas, deve-se ter muito cuidado no que diz respeito a infantilização do ensino, em todos os contextos e em todas as atividades. É preciso que o ensino para jovens e adultos tenham um significado que busque associar com os conhecimentos que o sujeito já possui. Se tratando da multidimensão do processo educativo, Pinto 2007 nos fala que:

Com esse termo (multidimensão) indica-se o fato de que tanto na educação infantil e juvenil como na de adultos, jamais se obtém um conteúdo único e restrito (compartilhamento) do saber. A necessidade de proporcionar um determinado conteúdo de saber obriga a ampliar a área da educação além daquela intencionada. A educação é por natureza *difusa*, isto é, rompe, transcende todo limite que seja imposto e se diversifica em ramos colaterais. (PINTO, 2007. p. 77-78)

Dessa forma, fica claro que não há um conhecimento próprio a ser compartilhado, sempre haverá uma ligação entre esses ensinamentos, mas a forma a ser aplicado é o que promove a aprendizagem. Durante toda a vivência, buscamos sempre relacionar os conteúdos que trabalhamos com a vida cotidiana dos alunos, em muitos momentos observamos que alguns alunos tinham um certo prazer em compartilhar as suas experiências de vida, porém outros educandos se esquivavam e não gostavam de falar. Paulo Freire como sendo um pioneiro nas discussões sobre a Educação de Jovens e Adultos, sempre defendia essa ideia de que ao relacionarmos a vida do aluno com o conteúdo o êxito era certo, pois “Não basta saber ler que “Eva viu a uva”. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho.” (FREIRE, 1991)

Foi pensando em contextualizar a nossa aula, que buscamos atividades relacionadas ao cotidiano dos alunos. Nas observações foi possível perceber o que seria mais produtivo e incentivador na nossa vivência, apostamos em abrir espaço para que os discentes também pudessem ter uma voz ativa nas aulas, mesmo com uma pequena quantidade

de frequência. Em todos os dias levamos um texto que permitia o diálogo entre todos. Neste sentido, foi de grande valia, pois nos proporcionou uma aproximação maior com os alunos, apesar de termos muita dificuldade em instigá-los a falar, a se expressar, ainda assim valeu a pena. É perceptível que essa barreira existe por estarem habituados a somente escrever e a ler, focando apenas na alfabetização, mas construímos juntamente com eles este espaço de socialização e acolhedor, mesmo que em poucos dias.

Tivemos um grande cuidado na elaboração das atividades, estas que foram escolhidas valorizando a bagagem de experiência trazida pelos Jovens e Adultos para a sala de aula. Entendemos que temos uma grande responsabilidade na permanência destes alunos na escola, não basta apenas ser letrado é preciso expandir esta compreensão, mas para que o sujeito de EJA possa tomar pra si esta importância desse processo de alfabetização é necessário que o professor esteja comprometido com esse processo e contribuir para a permanência desse aluno na EJA. Sobre o papel do docente, vale completar que:

O papel do(a) professor(a) de EJA é determinado para evitar situação de novo fracasso escolar. Um caminho seguro para diminuir esses sentimentos de insegurança é valorizar os saberes que os alunos e alunas trazem para a sala de aula. O reconhecimento da existência de uma sabedoria do sujeito, proveniente de sua experiência de vida, de sua bagagem cultural, de suas habilidades profissionais, certamente contribui para que ele resgate uma auto-imagem positiva, ampliando sua auto-estima e fortalecendo sua autoconfiança. (SECAD, 2006, p.18-19)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Viver na pele o que de fato é a Educação de Jovens e Adultos nos fez ter a noção que não é tarefa fácil estar naquele ambiente, muitas vezes dotado de insegurança, medo e angústia, pudemos notar que não é simples passar muito tempo sem ir a escola por diversos motivos, por causas muitas vezes desconhecidas e depois disso ter que voltar a retomar todas as energias deixadas para trás, não é fácil também para o docente depois de dois turnos cansativos de trabalho ter que enfrentar uma sala de aula mesclada onde as dificuldades são distintas, assim como os comportamentos e anseios, não é tarefa fácil ter que motivar quando se está desmotivado por todo um contexto que dificulta o funcionamento desta modalidade educacional, seja no sentido organizacional da própria conjuntura política presente na instituição no que diz respeito ao referido funcionamento. Aqui nós podemos citar mais uma vez Zago op. cit. (2000) apud Santos (2006), quando fala que “para permanecer na escola são feitos grandes sacrifícios, pois ser estudante não é um ofício que possa ser exercido sem ônus. (p.16)”.

Não foi fácil também para nós enquanto estudantes de licenciatura nos depararmos com tamanhas dificuldades para a oferta da EJA naquele espaço, apesar de termos tido um contato com a realidade através das teorias, pensávamos que na prática não houvesse tantas dificuldades, e para a nossa surpresa, as dificuldades no lócus de nossa observação são tamanhas. Por diversas vezes tivemos nos motivar a ir para a vivência de modo que ao chegarmos lá os alunos pudessem notar em nós a esperança de uma educação transformadora, em uma educação que pode mudar a brusca realidade existente. Pudemos experimentar da mesma angústia da docente quando ao planejar a aula dinâmica, experiencial e dialogada, não poder colocar totalmente em prática, pois com a ausência de discentes compromete todo o contexto idealizado.

Percebemos que naquela localidade específica, há muito o que se acreditar com relação a Educação de Jovens e Adultos, há um contexto de desestruturação que não parte apenas do docente, do discente ou até mesmo dos órgãos que são responsáveis pelo funcionamento e manutenção, apesar de tudo está organizado documentalmente, há dificuldades por vezes desconhecidas por parte dos próprios envolvidos que requer um incentivo, uma motivação para que de fato mude este quadro atual.

Esperamos ter deixado um pouco naquela instituição desse “acreditar” na educação, esperamos que os sujeitos envolvidos naquele processo possam de fato permanecer na busca por conhecimento e assim abranger novos horizontes e perspectivas.

REFERÊNCIAS

ALVES, N. GARCIA, R. L. A invenção da escola a cada dia . In: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (Org.). **A invenção da escola a cada dia** . Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 7-20.

ANDRADE, E. R. Os jovens da EJA e a EJA dos jovens. In: PAIVA, J. OLIVEIRA, I. B. (Org.) **Educação de Jovens e Adultos**. Petrópolis, RJ. DP&A, 2009. p. 35-43

BRASIL. Constituição (1934) Constituição da República do Brasil. Rio de Janeiro, 1934. Disponível em . Acesso em 20 de junho de 2017.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB** - Lei nº **9394/96**, de 20 de dezembro de 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação na Cidade**, São Paulo: Cortez Editora, 1991, 144 p.

MAIA, Carla Linhares; DAYRELL, Juarez . Juventude e relações intergeracionais na EJA: apropriações do espaço escolar e sentidos da escola. In: SILVA, Isabel de Oliveira; LEÃO, Geraldo (Org.). **Educação e seus atores: experiência, sentidos e identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 117-139.

PINTO, A. V. Educação Infantil e Educação de Adultos. In: PINTO, A. V. **Sete lições sobre educação de Adultos**. **15. Ed.** São Paulo. Cortez, 2007. p. 69-78

SANTOS, G. A. Quando os adultos voltam para a escola: o delicado equilíbrio para obter êxito na tentativa de elevação da escolaridade. In: SOARES, Leôncio. **Aprendendo com a diferença - estudos e pesquisas em educação de jovens e adultos**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 11-38.

SECAD, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos. Alunos e Alunas da EJA**. Ministério de Educação. Brasília, 2006.

Graduanda em Licenciatura em Pedagogia – Universidade Estadual de Alagoas.

7º Período. paullagiovanna-si@hotmail.com

Graduanda em Licenciatura em Pedagogia – Universidade Estadual de Alagoas.

7º Período. reeginacavalcante@hotmail.com

Orientado pela Profª. Doutoranda Divanir Maria de Lima